



## ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA VERSÃO PORTUGUESA DA *VOCATIONAL IDENTITY SCALE*<sup>1</sup>

*ADAPTATION, AND VALIDATION OF A PORTUGUESE VERSION OF THE VOCATIONAL*

**Paulo JORGE SANTOS**  
Faculdade de Letras Portugal

Data de recepción: 20/08/2009  
Data de aceptación: 29/01/2010

### **RESUMO**

O objectivo deste desta investigação, dividida por três estudos, consistiu na adaptação para o contexto português da *Vocational Identity Scale* (VIS). A investigação, realizada com amostras de estudantes do ensino secundário ( $n = 235$ ) e do ensino superior ( $n = 208$ ), consistiu na tradução da escala e na análise das suas características psicométricas. A consistência interna atingiu níveis aceitáveis. A validade convergente da VIS foi avaliada com base nas correlações entre a identidade vocacional, por um lado, e a indecisão vocacional e a auto-estima, por outro. As correlações observadas foram no sentido esperado sob o ponto de vista teórico. A análise factorial confirmatória revelou que o modelo que melhor se ajusta aos dados nas duas subamostras de estudantes tem uma estrutura unifactorial. Não se registaram diferenças de género, mas os estudantes do ensino superior revelaram níveis mais elevados ao nível da identidade

vocacional. A validade e a fidelidade da VIS, pese embora a natureza preliminar do estudo, suportam a utilização futura desta escala ao nível da investigação.

### **ABSTRACT**

The aim of this research, divided into three studies, was to adapt the Vocational Identity Scale (VIS) to Portuguese. The research, carried out with samples of secondary ( $n = 235$ ) and higher education students ( $n = 208$ ), involved the translation of the scale and the analysis of its psychometric characteristics. Acceptable levels of internal consistency were obtained. The convergent validity of the VIS was assessed based on the correlations between vocational identity, on the one hand, and career indecision and self-esteem, on the other. The correlations observed followed the expected pattern from a theoretical point of view. Confirmatory factor analysis revealed that the model that best fit the data, in the two

<sup>1</sup> O autor agradece ao Prof. Doutor José Maia, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal, o apoio dado na análise factorial confirmatória.  
Correspondencia: pjsantos@sapo.pt

subsamples, evidenced one dimension. No gender differences were found, but college students showed higher levels of vocational identity. The VIS's validity and reliability, despite the preliminary nature of these studies, provide support for its future use in research.

## RESUMEN

El objetivo de esta investigación, dividida en tres estudios, consistió en la adaptación de la escala *Vocational Identity Scale* al contexto portugués. La investigación, realizada con muestras de estudiantes de la enseñanza secundaria ( $n = 235$ ) y superior ( $n = 208$ ), consistió en la traducción de la escala y en análisis de sus características psicométricas. La consistencia interna alcanzó niveles aceptables. La validez convergente de la VIS fue evaluada a partir de las correlaciones entre la identidad vocacional, por un lado, y la indecisión vocacional y la autoestima, por el otro. Las correlaciones observadas tuvieron el resultado esperado desde el punto de vista teórico. El análisis factorial confirmatorio confirmó que el modelo que mejor se ajusta a los datos en las dos submuestras de estudiantes tiene una estructura unifactorial. No se registraron diferencias de género en cuanto a la identidad vocacional, pero se detectaron diferencias estadísticamente significativas en las dos submuestras de estudiantes. La validez y la confiabilidad de la VIS, a pesar de la naturaleza preliminar del estudio, permiten la utilización futura de la escala, al nivel de la investigación.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Vocational Identity Scale*; adaptación; validação; identidade vocacional.

## INTRODUÇÃO

A *Vocational Identity Scale* (VIS; Holland, Daiger & Power, 1980) foi construída no âmbito de um projecto que teve como objectivo criar

um esquema de diagnóstico que possibilitasse a avaliação prévia das necessidades de clientes no âmbito da consulta vocacional. Pretendia-se, desta forma, seleccionar a intervenção mais adequada em função das características específicas apresentadas pelos indivíduos. O esquema proposto conduziu ao desenvolvimento da *My Vocational Situation* que, segundo Holland e colaboradores, avalia as grandes categorias onde normalmente se enquadram as dificuldades do processo de decisão vocacional: a identidade vocacional, a informação ocupacional e as barreiras contextuais. Para cada uma destas categorias foram desenvolvidas escalas, mas somente a que avalia a identidade vocacional viria a conhecer uma ampla utilização ao nível da intervenção e da investigação.

A VIS foi desenvolvida a partir de dois pontos distintos, um de natureza teórica e outro de natureza empírica. O primeiro foi a concepção de identidade formulada por Erik Erikson, susceptível de "(...) explicar e integrar muitas hipóteses e descobertas sobre o processo de decisão vocacional" (Holland, Gottfredson & Power, 1980, p. 1191). O segundo consistiu numa linha de investigação sobre a indecisão vocacional de adolescentes e jovens adultos. Esta linha, que congregou vários estudos que analisaram variáveis associadas à dificuldade em efectuar escolhas vocacionais (e.g., Holland & Holland, 1977), teve como consequência a criação de dois instrumentos que podem ser considerados os antecessores da VIS: a *Identity Scale* (Holland et al. 1975; Holland & Holland, 1977) e a *Vocational Decision-Making Difficulty Scale* (Holland, Gottfredson & Power, 1980).

A concepção de identidade vocacional que a VIS avalia assenta numa definição simples e relativamente objectiva:

"Identidade vocacional significa a posse, por parte do indivíduo, de uma imagem clara e estável dos seus objectivos,

interesses, personalidade e pontos fortes. Esta característica conduz a processos de decisão relativamente isentos de problemas e à confiança na capacidade individual para tomar boas decisões perante ambiguidades ambientais inevitáveis” (Holland, Daiger & Power, 1980, p. 1).

O constructo da identidade vocacional foi posteriormente integrado no quadro mais vasto da teoria de John Holland, configurando, juntamente com a congruência, a consistência e a diferenciação, um conjunto de indicadores de diagnóstico de grande relevância ao nível teórico e da intervenção (ver Spokane et al., 2002).

A VIS é constituída por 18 itens que são respondidos mediante a alternativa de resposta verdadeiro-falso. Um exemplo de um item é: *Decidir-me sobre a minha carreira profissional tem sido um problema difícil e prolongado para mim*. O resultado individual é obtido mediante a soma do número de respostas falsas, variando entre 0 e 18, com resultados mais altos a corresponderem a níveis mais elevados de identidade vocacional.

A VIS começou a ser crescentemente utilizada com objectivos diversos: ao nível da intervenção, por exemplo, na avaliação das necessidades iniciais de consulta vocacional (Holland et al., 1993); como indicador da eficácia da intervenção vocacional (e.g., Fretz & Leong, 1982; Kivlighan et al., 1994); finalmente, como instrumento que integrou inúmeras investigações realizadas ao longo de mais de duas décadas (e.g., Diemer & Blustein, 2007; Fuqua et al., 1988; Fuqua & Newman, 1989; Graef et al., 1985; Hargrove et al., 2005; Lucas & Epperson, 1990; Lucas, 1993).

Desta forma, as características psicométricas da escala foram objecto de um conhecimento mais aprofundado para além da informação disponibilizada inicialmente no manual (Holland, Daiger & Power, 1980). A

consistência interna (*alpha* de Cronbach), que tinha variado entre 0,85 e 0,89 no decurso do processo de validação original, continuou a evidenciar resultados satisfatórios, com valores a situarem-se entre 0,78 e 0,85 (Graef et al., 1985; Nicholas & Pretorius, 1994). No que respeita à consistência temporal as investigações indicaram que as correlações entre avaliações, com um intervalo de tempo entre um a três meses, se situaram à volta de 0,75 (Holland et al., 1993).

As diferenças de género encontradas não têm sido consistentes. Na revisão realizada por Holland e colaboradores (1993) afirma-se que raramente surgiram diferenças entre homens e mulheres no que respeita aos resultados obtidos na escala. Uma investigação posterior realizada por Brisbin e Savickas (1994) confirmou esta conclusão, não encontrando diferenças de género. Todavia, em outros estudos registaram-se diferenças, embora os resultados sejam contraditórios. Assim, Lucas et al. (1988) verificaram que os homens obtiveram resultados mais elevados ao nível da identidade vocacional numa das amostras da sua investigação, o mesmo não acontecendo em outras duas. Savickas (1985), por seu turno, verificou que as mulheres obtiveram resultados mais elevados na VIS do que os homens numa amostra de jovens adultos. As diferenças de género ao nível da identidade vocacional constituem uma questão que merece mais atenção por parte dos investigadores.

No que respeita à validade da VIS a investigação original foi pouco aprofundada. Holland, Daiger e Power (1980) constataram que indivíduos com níveis elevados de identidade vocacional se viam a si próprios como pessoas bem organizadas, auto-confiantes e competentes. De uma forma geral, a identidade vocacional aumentava com a idade.

Investigações posteriores, algumas realizadas expressamente com o objectivo

de analisar as características psicométricas da VIS, incluindo a validade de constructo, permitiram caracterizar de forma muito mais detalhada os resultados obtidos com a escala. Por exemplo, Leong e Morris (1989) verificaram que a identidade vocacional se encontrava positivamente associada com o estilo racional de decisão vocacional e negativamente com os estilos dependente e intuitivo. Nas investigações de Fretz e Leong (1982), Graef e colaboradores (1985) e Fuqua e Newman (1989) encontraram-se elevadas correlações negativas entre a identidade vocacional e a indecisão vocacional, especialmente quando esta era avaliada pela *Career Decision Scale* (Osipow et al., 1976), uma das mais utilizadas escalas de avaliação da indecisão vocacional. Savickas (1985), por seu turno, encontrou uma associação entre a identidade vocacional e o desenvolvimento vocacional, em particular com a tarefa de cristalização de uma escolha vocacional. Holland e colaboradores (1993) referenciaram, ainda, um conjunto de características que a investigação tem associado a níveis mais elevados de identidade vocacional como, por exemplo, atitudes e crenças vocacionais construtivas.

Para além da dimensão vocacional a investigação tem demonstrado que a identidade, tal como é avaliada pela VIS, se encontra associada ao ajustamento psicológico dos indivíduos. Por exemplo, no já citado estudo de Leong e Morris (1989) os sujeitos com níveis mais baixos de identidade vocacional apresentavam níveis mais elevados de ansiedade social e níveis mais reduzidos de tolerância à ambiguidade. Parece, assim, que os resultados da VIS não se limitam a avaliar a identidade vocacional em sentido estrito, mas abarcam uma dimensão mais abrangente do funcionamento psicológico. Os indivíduos com resultados elevados na escala

“(...) são pessoas vocacionalmente maduras, com crenças construtivas sobre o processo

de decisão vocacional; são competentes ao nível interpessoal; relativamente isentos de problemas psicológicos incapacitantes; conscienciosos, responsáveis e esperançosos; possuem um sentido claro de identidade; não desistem facilmente perante barreiras ou ambiguidades contextuais. Em contraste, indivíduos com baixos resultados sofrem de muitos problemas psicológicos, incluindo baixa auto-estima, neuroticismo, crenças destrutivas acerca do *self* e do processo de decisão vocacional, identidade difusa, dependência, desespero, e evidenciam atitudes e capacidades pouco desenvolvidas de resolução de problemas” (Holland e colaboradores, 1993, p. 8).

A identidade vocacional, tal como é avaliada pela VIS, constitui, assim, um constructo particularmente interessante. A VIS apresenta resultados promissores que justificam a sua utilização no contexto português. Desta forma, o principal objectivo deste estudo consistiu na adaptação e validação preliminar da VIS utilizando, para esse efeito, amostras de adolescentes e jovens adultos.

## **MÉTODO**

### *TRADUÇÃO DA ESCALA*

A tradução da VIS afastou-se do processo tradicional que normalmente recorre à metodologia de tradução seguida de retroversão, analisando-se, posteriormente, as discrepâncias entre as versões da língua traduzida, nalguns casos com o recurso a um terceiro tradutor. Com o objectivo de tentar assegurar uma tradução que não fosse demasiado literal e de tomar em linha de conta, simultaneamente, aspectos linguísticos e culturais (Van de Vijver & Hambleton, 1996; Van de Vijver & Poortinga, 1997), optou-se por uma estratégia de traduções sucessivas e de verificação da qualidade dessas traduções por pessoas que combinaram conhecimentos

ligados à língua traduzida, neste caso o inglês, e conhecimentos de Psicologia. A primeira tradução da VIS foi realizada por uma tradutora bilingue, com formação superior ao nível das Línguas e Literaturas Modernas. Esta primeira tradução foi objecto de um trabalho de revisão realizado pelo autor e pela tradutora, tendo-se optado pela introdução de algumas alterações. Esta versão foi posteriormente revista por um segundo tradutor e, por fim, por uma psicóloga especializada na área da consulta vocacional. Na versão portuguesa optou-se por não traduzir, ao nível das instruções e dos itens, as referências a uma possível profissão que os indivíduos desempenhassem, uma vez que nas amostras nas quais a VIS iria ser validada essa circunstância era pouco provável de suceder.

Uma versão portuguesa da VIS foi seguidamente testada junto de três amostras de estudantes do ensino secundário (n total = 25), pertencentes ao 10º, 11º e 12º anos de escolaridade. O objectivo foi de verificar, de forma qualitativa e não estandardizada, se a linguagem utilizada nas instruções e nos itens era acessível. Os indivíduos não revelaram quaisquer dificuldades de compreensão da escala.

## **ESTUDO 1**

### **INTRODUÇÃO**

O objectivo deste estudo consistiu em analisar as características psicométricas da VIS com uma amostra de alunos do ensino secundário. Procedemos a uma validação preliminar da escala através da análise do padrão de correlações entre a identidade vocacional e outras variáveis teoricamente associadas. Assim, esperávamos encontrar correlações negativas entre a identidade vocacional e dois índices de indecisão vocacional. Simultaneamente, antecipávamos encontrar correlações positivas entre a identidade vocacional e a auto-estima. A inclusão da auto-estima na investigação

deve--se ao facto de a identidade vocacional se encontrar associada, como já referimos, a um conjunto de variáveis relacionadas com o ajustamento psicológico dos indivíduos. Pretendíamos, ainda, explorar eventuais diferenças ao nível do género. Por fim, era nosso objectivo analisar a unidimensionalidade da escala recorrendo à análise factorial confirmatória. Na revisão da literatura apenas encontrámos uma investigação que testou o modelo unidimensional descrito por Holland e colaboradores recorrendo a este tipo de análise estatística (Toporek & Pope-Davis, 2001).

### **MÉTODO**

A amostra foi constituída por 235 estudantes do ensino secundário, pertencentes ao 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, oriundos de turmas de três escolas públicas situadas em zonas urbanas. O número de rapazes foi de 100 (42,6%) e o de raparigas foi de 135 (57,4%). As suas idades encontravam-se compreendidas entre os 14 e os 23 anos, com uma idade média de 16,2 anos (D.P. = 1,26).

A aplicação dos instrumentos decorreu em contexto escolar em aulas expressamente cedidas pelos professores para a realização do estudo. Os sujeitos foram previamente informados de que a investigação se destinava genericamente a estudar a forma como os adolescentes se percepcionavam a si próprios. Salientou-se que a participação era de natureza voluntária e que os resultados seriam anónimos. Nenhum indivíduo recusou participar no estudo. Após a recolha dos instrumentos os objectivos da investigação foram genericamente descritos.

Para além da versão portuguesa da VIS foram aplicados dois outros instrumentos aleatoriamente agrupados com o objectivo de controlar eventuais efeitos relacionados com a ordem de apresentação dos mesmos. Os instrumentos foram os seguintes:

*Rosenberg Self-esteem Scale* (RSES; Rosenberg, 1965). A RSES é a escala mais utilizada na investigação para a avaliação da auto-estima global (Blascovich & Tomaka, 1991), sendo constituída por 10 itens, 5 de orientação positiva e 5 de orientação negativa, que são respondidos numa escala Likert de 4 pontos (*discordo fortemente* a *concordo fortemente*). A cotação de metade dos itens é invertida de forma que resultados mais altos correspondem a níveis mais elevados de auto-estima. Um exemplo de um item é: *Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas*. A investigação tem demonstrado que a RSES possui boas características psicométricas e excelentes indicadores que atestam a sua validade (Blascovich & Tomaka, 1991; Silber & Tippett, 1965; Wylie, 1989). Neste estudo utilizámos a versão portuguesa da RSES (Santos & Maia, 1999, 2003) que evidenciou bons índices de consistência interna (*alpha* de Cronbach variou entre 0,84 e 0,92) e uma elevada estabilidade temporal (correlação de 0,90 com duas semanas de intervalo entre avaliações). Ao nível da validade da escala verificou-se que a auto-estima se relacionou positivamente com o auto-conceito, a aceitação social, a auto-eficácia e a satisfação com a vida. Uma análise factorial confirmatória colocou em evidência um único factor nos dois géneros (Santos & Maia, 2003). No presente estudo a consistência interna (*alpha* de Cronbach) da RSES foi de 0,85.

*Career Factors Inventory* (CFI; Chartrand et al., 1990). O CFI, constituído por 21 itens, avalia dimensões antecedentes da indecisão vocacional. Estes itens são respondidos numa escala tipo Likert com cinco alternativas de resposta (1 = *discordo fortemente* a 5 = *concordo fortemente*), sendo alguns itens objecto de cotação inversa. Nalguns casos a opção faz-se entre duas palavras antónimas (e.g., *tenso* versus *relaxado*) que se aplicam a uma determinada frase (e.g., *Quando penso decidir realmente aquilo que pretendo que*

*seja a minha vida profissional sinto-me...*). Resultados mais elevados correspondem a uma maior importância atribuída à dimensão da indecisão vocacional avaliada. O CFI avalia factores pessoais-emocionais e factores de informação antecedentes da indecisão vocacional. A distinção entre estes dois tipos de factores, cada um avaliado com duas subescalas, é considerada particularmente relevante na medida em que, segundo os autores, as dificuldades no processo de decisão vocacional podem residir em défices de informação, em variáveis de natureza afectiva ou em ambas (Chartrand & Nutter, 1996; Chartrand & Robbins, 1997). Os factores pessoais-emocionais incluem a *ansiedade da escolha vocacional*, ou seja, o nível de ansiedade que o sujeito experimenta quando se encontra a decidir sobre questões vocacionais, e a *indecisão generalizada*, definida como a dificuldade do indivíduo em efectuar decisões em vários domínios de vida. Os factores de informação incluem a *necessidade de auto-conhecimento*, isto é, a necessidade sentida pelo indivíduo de atingir um maior grau de compreensão de si próprio e de se auto-definir antes de efectuar decisões vocacionais, e a *necessidade de informação vocacional*, que avalia a necessidade percebida pelo indivíduo de adquirir experiência e informação sobre várias alternativas antes de efectuar investimentos vocacionais. O CFI apresenta um notável conjunto de estudos que atestam a sua validade e excelentes características psicométricas (Chartrand & Nutter, 1996; Chartrand & Robbins, 1997; Lewis & Savickas, 1995). Neste estudo recorreremos à adaptação do CFI realizada por Santos (1997) com uma amostra de estudantes do ensino secundário. Uma análise factorial exploratória não corroborou a estrutura factorial na versão portuguesa do CFI. As subescalas pessoais-emocionais formaram um único factor, constituído por 11 itens. Este factor foi designado por *indecisão genérica* e avalia a dificuldade e a ansiedade associada aos processos de decisão. A consistência interna desta dimensão (*alpha* de Cronbach) foi de 0,86

e a estabilidade temporal, avaliada com um intervalo de duas semanas, foi de 0,84. Por seu turno, as subescalas de informação saturaram igualmente num único factor, constituído por 10 itens, que foi designado por *necessidade de exploração vocacional*. Este factor avalia a necessidade que o sujeito sente em explorar a realidade vocacional constituída pelo seu *self* e o mundo do trabalho antes de tomar decisões de natureza vocacional. A consistência interna desta dimensão (*alpha* de Cronbach) foi de 0,80 e a estabilidade temporal, avaliada com um intervalo de duas semanas, foi de 0,71. Ambas as subescalas evidenciaram correlações negativas estatisticamente significativas com o nível de certeza vocacional. Neste estudo a consistência interna (*alpha* de Cronbach) da

escala de necessidade de exploração vocacional foi de 0,80 e o da escala de indecisão genérica de 0,81.

## RESULTADOS

Na Tabela 1 apresentam-se as correlações entre as variáveis do estudo, verificando-se que todas elas vão no sentido teoricamente esperado. Assim, níveis mais elevados de identidade vocacional correlacionaram-se positivamente com a auto-estima e negativamente com a necessidade de exploração vocacional e a indecisão genérica. Todas as correlações são estatisticamente significativas ( $p < 0,01$ ).

**TABELA 1:** Matriz de Correlações (Amostra de Estudantes do Ensino Secundário)

	1	2	3	4
<b>1. Identidade vocacional (VIS)</b>		0,19	- 0,51	- 0,51
<b>2. Auto-estima (RSES)</b>			- 0,44	- 0,26
<b>3. Indecisão genérica (CFI)</b>				0,36
<b>4. Necessidade de exploração vocacional (CFI)</b>				

*Nota:* Todas as correlações são estatisticamente significativas a 0,01.

De acordo com a proposta de classificação de Hemphill (2003), a magnitude das correlações pode considerar-se pequena, no que respeita à correlação entre a identidade vocacional e a auto-estima, e elevada entre a identidade vocacional e as dimensões antecedentes da indecisão vocacional.

Na Tabela 2 apresentam-se as estatísticas descritivas da VIS, incluindo as referentes aos itens e ao resultado total. A consistência interna (*alpha* de Cronbach) foi de 0,78, valor que se aproxima do padrão de 0,80 recomendado por Nunnally e Bernstein (1994). As correlações entre os itens e o resultado global da escala

variaram entre - 0,05 e 0,63. Com a excepção do item 17, que apresenta uma correlação praticamente nula, a correlação média dos itens com o resultado global da VIS é de 0,38, valor que se enquadra dentro dos parâmetros aconselháveis para este tipo de escala (ver Clark & Watson, 1995).

Analísamos, igualmente, eventuais diferenças de género no que respeita à identidade vocacional. Um teste *t* para amostras independentes revelou a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas,  $t(230) = - 1,088$ ,  $p = 0,278$ .

**TABELA 2:** Estatísticas Descritivas da VIS (O primeiro valor diz respeito aos estudantes do ensino secundário e o segundo aos estudantes do ensino superior)

ITENS	Percentagem de respostas falsas	Correlação corrigida item-resultado total	Alpha de Cronbach sem o item
1	49,4 %	0,24	0,77
	60,1%	0,32	0,76
2	28,5 %	0,30	0,77
	34,6%	0,30	0,76
3	40,9 %	0,52	0,76
	40,9%	0,50	0,74
4	78,3 %	0,24	0,78
	77,9%	0,32	0,76
5	61,7 %	0,25	0,78
	53,4%	0,26	0,76
6	50,6 %	0,42	0,76
	55,3%	0,48	0,77
7	52,8 %	0,57	0,75
	64,9%	0,50	0,75
8	57,0 %	0,51	0,76
	71,2%	0,50	0,74
9	60,0 %	0,63	0,75
	69,2%	0,26	0,74
10	52,3 %	0,48	0,76
	60,1%	0,38	0,75
11	45,1 %	0,20	0,78
	41,8%	0,26	0,76
12	89,8 %	0,20	0,78
	88,5%	0,28	0,76
13	71,1 %	0,50	0,76
	76,0%	0,39	0,75
14	38,7 %	0,42	0,76
	44,2%	0,39	0,75
15	67,7 %	0,19	0,78
	73,6%	0,30	0,76
16	56,2 %	0,26	0,78
	61,5%	0,30	0,76
17	77,0 %	- 0,05	0,79
	84,6%	0,13	0,77
18	65,1 %	0,46	0,76
	80,3%	0,36	0,76
Média total (subamostra ensino secundário)		10,42	(D.P. = 3,89)
Média subamostra masculina		10,10	(D.P. = 3,98)
Média subamostra feminina		10,66	(D.P. = 3,81)
Média total (subamostra ensino superior)		11,38	(D.P. = 3,84)
Média subamostra masculina		10,87	(D.P. = 3,79)
Média subamostra feminina		11,53	(D.P. = 3,85)

Para testar a unidimensionalidade do constructo recorreu-se à análise factorial confirmatória. Dada a natureza dicotómica das respostas aos itens optou-se por um procedimento de estimação dos parâmetros baseado no método dos mínimos quadrados ponderados a partir da matriz de variância/covariância das correlações policóricas das mesmas, recorrendo, para o efeito, ao programa Mplus (Muthén & Muthén, 2004). As estatísticas de ajustamento global que utilizámos foram o *Comparative Fit Index* (CFI), o *Tucker-Lewis Index* (TLI) e o *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) (ver Hu & Bentler, 1999; Martens, 2005). Não obstante o valor estatisticamente significativo do  $\chi^2(62) = 112,038$  ( $p = 0,0001$ ), um índice muito sensível à dimensão da amostra (Shumacker & Lomax, 1996), os resultados das estatísticas de ajustamento global estão situadas dentro do espaço aceitável para podermos aceitar o modelo unidimensional da escala (CFI = 0,906; TLI = 0,916; RMSEA = 0,066).

## **DISCUSSÃO**

O presente estudo procedeu à tradução e adaptação da VIS para o contexto português. Igualmente, pretendeu-se analisar a validade convergente dos resultados obtidos com esta escala tendo por base a análise das correlações entre variáveis vocacionais, neste caso duas dimensões antecedentes da indecisão vocacional, e variáveis não vocacionais, aqui representadas pela auto-estima. As correlações foram no sentido esperado pelas hipóteses de investigação, embora a magnitude da correlação entre a identidade vocacional e a auto-estima fosse um pouco mais baixa do que o esperado tendo em conta investigações anteriores (e.g., Wanberg & Muchinsky, 1992). A consistência interna da escala apresenta valores aceitáveis para poder ser utilizada ao nível da investigação.

Um dos itens da VIS evidencia uma correlação próxima do zero com o resultado global, fazendo baixar ligeiramente o valor do *alpha* de Cronbach de 0,79 para 0,78. Este item, cuja tradução segue fielmente o original, tem uma formulação ambígua susceptível de confundir os indivíduos que respondem à escala. Na realidade, foi o único item que suscitou dúvidas de compreensão por parte de alguns sujeitos da amostra. A formulação do item é a seguinte: *Sei, há menos de um ano, a profissão que quero seguir*. Recorde-se que a identidade vocacional é avaliada pela VIS tendo em conta o número de respostas falsas dadas pelos sujeitos. Isto quer dizer que se um determinado indivíduo, por exemplo um aluno do 12º ano, que já tenha escolhido há mais de um ano uma determinada opção profissional, irá assinalar a alternativa *falsa*. O mesmo sucede com o aluno vocacionalmente indeciso porque o item em causa não se aplica à sua situação. Por outras palavras, o mesmo item pode fazer com que indivíduos em situações vocacionais distintas respondam da mesma forma.

Em síntese, a consistência interna calculada com base nos resultados desta amostra é aceitável. Os resultados da análise factorial confirmatória suportam a unidimensionalidade do constructo da identidade vocacional e replicam os resultados de Toporek e Pope-Davis (2001). A correlação entre a VIS e outras escalas de auto-relato de avaliação de variáveis teoricamente relacionadas permite assegurar a validade convergente do instrumento.

## **ESTUDO 2**

### **INTRODUÇÃO**

O objectivo deste segundo estudo consistiu em analisar as características psicométricas da VIS com uma amostra de alunos do ensino superior. Tal como sucedeu na investigação

anterior, analisámos o padrão de correlações entre a identidade vocacional e duas variáveis teoricamente associadas. Antecipávamos encontrar uma correlação positiva entre a identidade vocacional, por um lado, e o nível de certeza vocacional e a auto-estima, por outro. De igual forma, à semelhança do estudo anterior, testámos a unidimensionalidade do constructo que a VIS avalia recorrendo à análise factorial confirmatória e analisámos eventuais diferenças de género. Por fim, analisámos as diferenças entre as médias obtidas por estudantes do ensino secundário e do ensino superior.

## MÉTODO

A amostra foi constituída por 208 estudantes do ensino superior universitário oriundos de três faculdades de uma universidade pública e de uma instituição privada. O número de indivíduos do género masculino foi de 46 (22,1%) e o do género feminino foi de 162 (77,9%), sendo a idade média de 21,6 anos (D.P. = 2,83).

A aplicação dos instrumentos decorreu em tempos cedidos por professores para a realização do estudo. Os alunos foram informados da natureza voluntária da sua participação, sendo-lhes assegurada a confidencialidade e anonimato dos resultados, e informados de que o estudo se destinava, genericamente, a estudar a forma como os alunos se percepcionavam a si próprios. Nenhum aluno recusou participar. Após a recolha dos instrumentos os objectivos da investigação foram descritos mais pormenorizadamente.

Para além da versão portuguesa da VIS foram aplicados ainda dois instrumentos que foram aleatoriamente agrupados com o objectivo de controlar eventuais efeitos relacionados com a ordem de apresentação. Os instrumentos foram os seguintes:

*Rosenberg Self-esteem Scale* (RSES; Rosenberg, 1965). As características da RSES foram já anteriormente descritas. No presente estudo a consistência interna (*alpha* de Cronbach) foi de 0,85.

*Escala de Certeza Vocacional* (ECV; Santos, 1997). O nível de certeza vocacional foi avaliado com uma escala constituída por 4 itens que utiliza uma escala tipo Likert com 6 alternativas de resposta (1 = *discordo inteiramente* a 6 = *concordo inteiramente*), com resultados mais elevados a indicarem um maior nível de certeza relativamente aos objectivos vocacionais. Santos (1997) calculou para a ECV um valor de consistência interna (*alpha* de Cronbach) de 0,85. Instrumentos similares à ECV têm sido utilizados na avaliação do grau de certeza vocacional (cf. Savickas et al., 1992). Um exemplo de um item é: *Já escolhi uma determinada opção profissional da qual não tenciono afastar-me*. Neste estudo a consistência interna (*alpha* de Cronbach) foi de 0,83.

## RESULTADOS

Na Tabela 3 apresentam-se as correlações entre as variáveis do estudo, verificando-se que todas elas vão no sentido teoricamente esperado. Assim, a identidade vocacional correlacionou-se positivamente com a auto-estima e com o nível de certeza vocacional. De salientar a correlação mais elevada entre a identidade vocacional e a auto-estima por comparação com os resultados obtidos no primeiro estudo. Todas as correlações são estatisticamente significativas ( $p < 0,01$ ) e de elevada magnitude (Hemphill, 2003).

Na Tabela 2 apresentam-se as estatísticas descritivas da VIS, incluindo as referentes a cada item e ao resultado total. A consistência interna (*alpha* de Cronbach) foi de 0,79. As correlações entre os itens e o resultado global da escala variaram entre 0,13 e 0,61, tendo o item 17 apresentado, mais uma vez, a correlação mais baixa. A correlação média

**TABELA 3:** Matriz de Correlações (Amostra de Estudantes do Ensino Superior)

	1	2	3
1. Identidade vocacional (VIS)		0,59	0,37
2. Certeza vocacional (ECV)			0,18*
3. Auto-estima (RSES)			

*Nota:* Todas as correlações são estatisticamente significativas a 0,01, excepto a assinalada com um asterisco ( $p < 0,05$ ).

dos itens com o resultado global da VIS, exceptuando o item mencionado, foi de 0,38, valor idêntico ao calculado no primeiro estudo.

Analisámos, mais uma vez, eventuais diferenças de género no que respeita à identidade vocacional. Um teste *t* para amostras independentes revelou a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos,  $t(432) = -2,5$ ,  $p = 0,305$ .

Comparámos as médias obtidas na VIS entre os estudantes do ensino secundário e superior. Um teste *t* para amostras independentes revelou que os estudantes do ensino superior evidenciam níveis mais elevados de identidade vocacional por comparação com os seus colegas do ensino secundário,  $t(432) = -2,578$ ,  $p = 0,01$ . Tendo em conta a crescente importância que a análise da magnitude do efeito tem para além da análise da significância estatística (ver Cohen, 1988; Kirk, 1996; Vacha-Haase & Thompson, 2004), calculámos um dos índices de magnitude do efeito da diferença de médias mais conhecido: o *d* de Cohen. Este resultado foi de 0,25, um pouco acima do valor considerado pequeno por Cohen (1988).<sup>2</sup>

Testámos, igualmente, a unidimensionalidade do constructo avaliado pela VIS recorrendo à análise factorial confirmatória de acordo com os procedimentos descritos no estudo

anterior. As estatísticas de ajustamento global que utilizámos são muito satisfatórias (CFI = 0,940; TLI = 0,952; RMSEA = 0,054), apesar do valor estatisticamente significativo do  $\chi^2(62) = 112,038$  ( $p = 0,0001$ ).

## DISCUSSÃO

Este segundo estudo, realizado com uma amostra de jovens adultos, analisou a validade convergente da VIS, tendo-se constatado, à semelhança do anterior, que o padrão de correlações corrobora as expectativas que, sob o ponto de vista teórico, se esperavam. Assim, a identidade vocacional correlacionou-se positivamente com o nível de certeza vocacional e com a auto-estima, sendo este último valor mais elevado do que no estudo anterior. A consistência interna da escala apresenta valores aceitáveis para poder ser utilizada ao nível da investigação. Os resultados da análise factorial confirmatória da VIS são congruentes com o modelo unidimensional postulado para o constructo que instrumento pretende avaliar, registando-se o facto de as estatísticas de ajustamento calculadas serem superiores às do estudo realizado com a amostra de estudantes do ensino secundário. As diferenças entre as duas subamostras de estudantes vão no sentido teoricamente esperado. Assim, os alunos do ensino superior apresentam resultados mais

<sup>2</sup> Numa investigação posterior (Santos, 2007) o *d* de Cohen entre as diferenças de médias no resultado global da VIS entre estudantes do ensino secundário e superior foi de 0,49, valor este que se aproxima do índice de magnitude considerado médio por Cohen (1988).

elevados de identidade vocacional, facto que é congruente com a dimensão desenvolvimental do constructo da identidade vocacional.

Por outro lado, no sistema educativo português, contrariamente ao que sucede na generalidade dos sistemas de inspiração anglo-saxónica, os alunos matriculam-se em cursos específicos (medicina, engenharia mecânica, direito, etc.), tendo que realizar uma escolha vocacional importante no decurso do ensino secundário que tome em linha de conta não somente as suas características psicológicas (interesses, capacidades, valores, etc.), mas igualmente as suas classificações académicas, uma vez que, no que respeita ao sistema público de educação, o mais procurado e valorizado, o ingresso nos cursos do ensino superior depende daquelas. Por isso, é de esperar que os estudantes que frequentam o ensino superior manifestem um nível de identidade mais elevado tendo em conta quer o seu percurso desenvolvimental, quer as tarefas de escolha vocacional que já realizaram no passado.

### **ESTUDO 3**

#### **INTRODUÇÃO**

O objectivo deste estudo teve como objectivo avaliar a estabilidade temporal dos resultados obtidos com a VIS, elemento relevante no quadro mais vasto da fiabilidade dos resultados que um determinado instrumento permite obter (Spector, 1992).

#### **MÉTODO**

A amostra foi constituída por 40 estudantes do ensino superior de uma faculdade pertencente a uma universidade pública, 34 dos quais do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com uma média de idades de 21,8 anos (D.P. = 1,39).

A administração da VIS ocorreu em contexto escolar, sendo os sujeitos informados de que o objectivo da investigação consistia em avaliar os seus projectos vocacionais. Assegurou-se o carácter voluntário da participação e assegurado o anonimato dos resultados. Para posteriormente podermos emparelhar as escalas preenchidas pelos alunos estes identificaram-se recorrendo aos três últimos algarismos do seu bilhete de identidade. Os sujeitos da amostra responderam à versão portuguesa da VIS com um intervalo de uma semana entre avaliações, não tendo sido previamente avisados de que iriam responder segunda vez ao mesmo instrumento.

### **RESULTADOS**

A estabilidade dos resultados entre as duas aplicações, avaliada com o coeficiente de correlação de Pearson, foi de 0,85 ( $p < 0,01$ ).

### **DISCUSSÃO**

O valor de estabilidade temporal obtido com a versão portuguesa da VIS permite-nos concluir que os seus resultados tendem a ser relativamente estáveis, pelo menos em períodos curtos de tempo entre avaliações.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objectivo desta investigação, distribuída por três estudos, foi o de proceder à adaptação e validação de uma versão para língua portuguesa da VIS. De uma forma geral, podemos concluir a versão testada é fiável e válida. A fidelidade dos resultados obtidos com a VIS, traduzida nos valores de consistência interna e do coeficiente teste--reteste, é bastante satisfatória. Simultaneamente, a análise das correlações calculadas com recurso a amostras de adolescentes e jovens adultos

com um conjunto de variáveis vocacionais e não vocacionais, permite-nos sustentar que os resultados obtidos são válidos.

Por seu turno, a análise factorial confirmatória sugere que a VIS avalia um constructo unidimensional, tal como sustentaram os autores da escala. Este resultado corroborou os resultados obtidos por Toporek e Pope-Davis (2001) que recorreu a amostras de estudantes de estudantes americanos do ensino superior.

A ausência de diferenças entre homens e mulheres ao nível da identidade vocacional é consistente com a maioria das investigações que utilizaram a VIS e que analisaram diferenças ao nível do género. Por outro lado, as diferenças entre estudantes do ensino secundário e superior são consistentes com a teoria subjacente ao constructo da VIS (Erikson, 1968).

Apenas um dos itens apresenta resultados que se situam aquém dos padrões aceitáveis ao nível dos indicadores psicométricos de referência. Os problemas com este item não se circunscrevem à amostra que utilizámos, tendo já ocorrido em outras investigações. Num estudo conduzido por Mauer e Gysbers (1990), que procedeu a uma análise de *clusters* com base nos itens da VIS, o referido item não se integrou em nenhum *cluster*, enquanto que numa investigação de Chartrand e colaboradores (1994) ele não foi considerado para efeitos da análise estatística tendo em conta as suas características psicométricas anómalas. A sua utilização em investigações futuras permanece uma questão em aberto e dependerá da avaliação que for efectuada sobre os dados obtidos.

De uma forma geral, os resultados desta investigação suportam a utilização da VIS no contexto português. As características psicométricas da escala e os índices de validade obtidos, apesar do carácter preliminar desta

investigação, permitem sustentar a utilização da VIS ao nível da investigação.

## REFERÊNCIAS

- Blascovich, J., & Tomaka, J. (1991). Measures of self-esteem. Em J. P. Robinson, P. R.
- Shaver, & L. S. Wrightsman (Orgs.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (Vol. 1) (pp. 115-160). San Diego, CA: Academic Press.
- Brisbin, L. A., & Savickas, M. L. (1994). Career indecision scales do not measure foreclosure. *Journal of Career Assessment*, 2, 352-363.
- Chartrand, J. M., Martin, W. F., Robbins, S. B., McAuliffe, G. J., Pickering, J. W., &
- Calliotte, J. A. (1994). Testing a level versus an interactional view of career indecision. *Journal of Career Assessment*, 2, 55-69.
- Chartrand, J. M., & Nutter, K. J. (1996). The Career Factors Inventory: Theory and applications. *Journal of Career Assessment*, 4, 205-218.
- Chartrand, J. M., & Robbins, S. B. (1997). *Career Factors Inventory: Applications and technical guide*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Chartrand, J. M., Robbins, S. B., Morrill, W. H., & Boggs, K. (1990). Development and validation of the Career Factors Inventory. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 491-501.
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7, 309-319.

- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Diemer, M. A., & Blustein, D. L. (2007). Vocational hope and vocational identity: Urban adolescents' career development. *Journal of Career Assessment, 15*, 98-118.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Fretz, B. R., & Leong, F. T. L. (1982). Career development status as a predictor of career intervention outcomes. *Journal of Counseling Psychology, 9*, 388-393.
- Fuqua, D. R., Blum, C. R., & Hartman, B. W. (1988). Empirical support for the differential diagnosis of career indecision. *Career Development Quarterly, 36*, 364-373.
- Fuqua, D. R., & Newman, J. L. (1989). An examination of the relations among career subscales. *Journal of Counseling Psychology, 36*, 487-491.
- Graef, M. I., Wells, D. L., Hyland, A. M., & Muchinsky, P. M. (1985). Life history antecedents of vocational indecision. *Journal of Vocational Behavior, 27*, 276-297.
- Hargrove, B. K., Inman, A. G., & Crane, R. L. (2005). Family interactions patterns, career planning attitudes, and vocational identity of high school adolescents. *Journal of Career Development, 31*, 263-278.
- Hemphill, J. F. (2003). Interpreting the magnitude of correlation coefficients. *American Psychologist, 58*, 78-80.
- Holland, J. L., Daiger, D. C., & Power, P. G. (1980). *My Vocational Situation: Description of an experimental diagnostic form for the selection of vocational assistance*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Holland, J. L., Gottfredson, D. C., & Nafziger, D. H. (1975). Testing the validity of some theoretical signs of vocational decision-making ability. *Journal of Counseling Psychology, 22*, 411-422.
- Holland, J. L., Gottfredson, D. C., & Power, P. G. (1980). Some diagnostic scales for research in decision making and personality: Identity, information, and barriers. *Journal of Personality and Social Psychology, 6*, 1191-1200.
- Holland, J. L., & Holland, J. E. (1977). Vocational indecision: More evidence and speculation. *Journal of Vocational Behavior, 24*, 404-414.
- Holland, J. L., Johnston, J. A., & Asama, N. F. (1993). The Vocational Identity Scale: A diagnostic and treatment tool. *Journal of Career Assessment, 1*, 1-12.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structures analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling, 6*, 1-55.
- Kirk, R. E. (1996). Practical importance: A concept whose time has come. *Educational and Psychological Measurement, 56*, 746-759.
- Kivlighan, D. M., Jr., Johnston, J. A., Hogan, R. S., & Mauer, E. (1994). Who benefits from computerized career counselling? *Journal of Counseling and Development, 72*, 289-292.
- Leong, F. T. L., & Morris, J. (1989). Assessing the construct validity of Holland, Daiger,

- and Power's measure of vocational identity. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 22, 117-125.
- Lewis, D. M., & Savickas, M. L. (1995). Validity of the Career Factors Inventory. *Journal of Career Assessment*, 3, 44-56.
- Lucas, E. B., Gysbers, N. C., Buescher, & Heppner, P. P. (1988). My Vocational Situation: Normative, psychometric, and comparative data. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 20, 162-170.
- Lucas, M. S. (1993). A validation of types of career indecision at a counseling center. *Journal of Counseling Psychology*, 40, 440-446.
- Lucas, M. S., & Epperson, D. L. (1990). Types of vocational undecidedness: A replication and refinement. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 382-388.
- Martens, M. P. (2005). The use of structural equation modeling in counseling psychology research. *The Counseling Psychologist*, 33, 269-298.
- Mauer, E. B., & Gysbers, N. C. (1990). Identifying career concerns of entering university freshmen using My Vocational Situation. *Career Development Quarterly*, 39, 155-165.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2004). *Mplus user's guide*. Los Angeles: Authors.
- Nicholas, L., & Pretorius, T. (1994). Assessing the vocational identity of Black South African university students: Psychometric and normative data on the Vocational Identity Scale of the My Vocational Situation. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 27, 85-92.
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3<sup>a</sup> ed.). New York: McGraw-Hill.
- Osipow, S. H., Carney, C. G., & Barak, A. (1976). A scale of educational-vocational undecidedness: A typological approach. *Journal of Vocational Behavior*, 9, 233--243.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press.
- Santos, P. J. (1997). *Adolescência e indecisão vocacional*. Dissertação de Mestrado em Psicologia não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Santos, P. J. (2007). *Dificuldades de escolha vocacional*. Coimbra: Almedina.
- Santos, P. J., & Maia, J. (1999). Adaptação e análise factorial confirmatória da Rosenberg Self-esteem Scale com uma amostra de adolescentes: Resultados preliminares. Em Ana P. Soares, Salvador Araújo & Susana Caires (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. VI) (pp. 101-113). Braga: APPORT.
- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 8, 253-268.
- Savickas, M. L. (1985). Identity in vocational development. *Journal of Vocational Behavior*, 27, 329-337.
- Savickas, M. L., Carden, A. D., Toman, S., & Jarjoura, D. (1992). Dimensions of career

- decidedness. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 25, 102-112.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (1996). *A beginner's guide to structural equation modeling*. Mahwah, NJ: LEA.
- Silber, E., & Tippet, J. S. (1965). Self-esteem: Clinical assessment and measurement validation. *Psychological Reports*, 16, 1017-1071.
- Spector, P. E. (1992). *Summated rating scale construction: An introduction*. Newbury Park: Sage.
- Spokane, A. R., Luchetta, E. J., & Richwine, M. (2002). Holland's theory of personality in work environments. Em Duane Brown & Associates (Orgs.), *Career choice and development* (4<sup>a</sup> ed.) (pp. 373-426). San Francisco: Jossey Bass.
- Toporek, R. L., & Pope-Davis, D. B. (2001). Comparison of vocational identity factor structures among African American and White American college students. *Journal of Career Assessment*, 9, 135-151.
- Vacha-Haase, T., & Thompson, B. (2004). How to estimate and interpret various effect sizes. *Journal of Counseling Psychology*, 51, 473-481
- Van de Vijver, F., & Hambleton, R. K. (1996). Translating tests: Some practical guidelines. *European Psychologist*, 1, 89-99.
- Van de Vijver, F., & Poortinga, Y. H. (1997). Towards an integrated analysis of bias in cross-cultural assessment. *European Journal of Psychological Assessment*, 13, 29-37.
- Wanberg, C. R., & Muchinsky, P. M. (1992). A typology of career decision status: Validity extension of the vocational decision status model. *Journal of Counseling Psychology*, 39, 71-80.
- Wylie, R. C. (1989). *Measures of self-concept*. Lincoln: University of Nebraska Press.